

DEPOIMENTOS

ALBERTO MANGUEL:

En tal sentido, podemos asociar la obra de Fagundes Telles a los grandes frescos de un Balzac o de Jane Austen, intentos de retratar toda una época a través de un puñado de personajes que parecen multiplicarse infinitamente a lo largo de las páginas.

Bajo el intrincado tapiz anecdótico y a través del sutil entrelazamiento de palabras sorprendentemente elegidas, el lector adivina una realidad alternativa, una historia no contada, una oscura selva de hechos que son los verdaderos.

Sin lugar a dudas, la obra de Fagundes Telles pertenece a la gran biblioteca universal.

AMELINHA TELES:

E, com uma certa frequência, lá estava ela, no Conselho, junto com as demais mulheres, arquitetando políticas públicas. Sempre elegante. Que mulher linda, ativa e permanentemente numa postura democrática, disposta a ouvir todas ali presentes.

IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO:

Impossível esquecer um encontro em Colônia, Alemanha, no final dos anos 1970, comandado por Ray Güde Mertin, agente e tradutora. Na mesa estavam Lygia, João Ubaldo Ribeiro, Márcio de Souza e eu. À nossa frente, uma plateia de cem alemães que não falavam português. Ou devia haver meia dúzia que compreendiam. Havia tradução simultânea e cada um tinha seu fone de ouvido. Lygia foi a última a falar. E falou. Foi falando e crescendo, ela se empolga, vantagem, é pura paixão, vira turbilhão. Os alemães, hipnotizados. De repente, percebemos, da mesa, que a plateia começou a retirar os aparelhos dos ouvidos, inquieta, surpresa. Ray Güde correu e descobriu. A intérprete tinha desmaiado na cabine, sabe-se lá por quê.

Enquanto se providenciava atendimento, comunicou-se ao público que teriam de interromper, não havia substituta (quem disse que a Alemanha é perfeita?). Lygia ia parar. Várias pessoas se levantaram:

“Que ela continue!”.

LUIZ RUFFATO:

Não conseguiria descrever todas as sensações que me disputaram naquela tarde, acesa ainda hoje em minha memória. A solidão, as pequenas crueldades, o cotidiano cinzento e irreal, as alegrias voláteis, os medos, as amarguras, o passado que não passa... Tudo o que Lygia expunha naqueles doze contos era estranhamente familiar aos meus catorze anos de vida... Ela escrevia para mim, e somente para mim...

NATALIA BORGES POLESSO:

Pra mim, Lygia ficou sendo essa escritora. A que desde o começo instala sua narrativa na nossa cabeça. Instala e alastra a prosa, como teia. Me sinto imediatamente arrebatada para dentro do texto, enredada numa touceira, como alguém que vai todos os dias a um antiquário olhar uma tapeçaria, como alguém que não se dá conta de quando passa a ser a própria caça, de quando passa a ser peça. Sento-me num tamborete, finco os cotovelos nos joelhos, apoio o queixo nas mãos e assim fico imersa na prosa de Lygia.

RONALDO CAGIANO:

Há um esmero na construção de um painel extremamente contundente e cruel de uma época, mas com a poesia, a cristalinidade e uma implícita notação musical que regem esse debate sobre as metamorfoses, transições, confrontos e idiossincrasias de três personagens (Ana Clara, Lia e Lorena), que, vivendo no mesmo ambiente de um pensionato, partilham atmosferas e inquietações distintas, sejam no plano moral, político, religioso ou sexual, uma obra que fala justamente do escalonamento de valores individuais e coletivos num período de velozes transformações no mundo.

TAMLYN GHANNAM:

Aquilo que pode parecer insignificante em uma primeira leitura de Lygia, ou no máximo uma escolha excêntrica mas irrelevante, ganha força e significado nas releituras, mormente se considerada a produção lygiana como um todo. Nesse ponto reside o que há de mais sedutor em seus textos: a aparente incomplexidade das histórias, quando, na verdade, o que de fato está em jogo é justamente aquilo de mais complexo enquanto pendência interna dos protagonistas, latente sob a máscara do simples, da atmosfera corriqueira estruturada a seu redor.

ARTIGOS/ENSAIOS**ANA CLÁUDIA MUNARI DOMINGOS & ANTONIO HOHLFELDT:**

O romance seguinte, Verão no aquário (1963), não se distancia muito deste universo de famílias em dissolução, significativamente, famílias urbanas de classe média. A narrativa de Lygia Fagundes Telles paga tributo, em parte, a uma memória que poderia ser nostálgica, mas que, graças a seu sentido crítico, distancia-se deste sentimento. Assim, e por consequência, sua narrativa assume uma perspectiva escafandrista, mergulhando fundo nas diferentes camadas submersas da organização familiar, para dissecá-las e revelar aquilo que normalmente fica escondido pelas convenções sociais. Verão no aquário não fugirá a este roteiro.

ANA KUZMANOVIĆ:

O livro [Devojke iz Sao Paula] foi publicado em junho de 2017. O lugar escolhido para sua apresentação foi uma das instituições culturais mais emblemáticas de Belgrado. No levantamento estava presente, entre outros convidados distinguidos, a embaixadora do Brasil, Isabel Cristina de Azevedo Heyvaert, que fez um discurso comovente sobre a importância do romance e o profundo rastro que ele deixou na história literária do país. A conversa entre o público, a tradutora e a diretora da casa editorial que surgiu depois da apresentação mostrou um interesse vivo na cultura e na literatura brasileira entre os sérvios. As resenhas do livro apareceram em todos os diários sérvios importantes e nos portais culturais na internet, assim como na televisão nacional. As meninas de Lygia Fagundes Telles começaram uma longa e frutífera vida nos Bálcãs, longe de sua terra natal.

INÊS OSEKI-DÉPRÉ:

Apesar do tom aparentemente “romântico” na miserabilidade (Victor Hugo), é importante salientar que a visão de Lygia [no conto A confissão de Leontina] lembra, antes, o olhar de Baudelaire, dos “Pequenos poemas em prosa” (Le Spleen de Paris), nos quais Walter Benjamin entrevia a intuição do capitalismo nascente e seus desastres. Quando o filósofo compara os objetos baudelairianos às mercadorias (marchandises) nessa sociedade industrial em que a miséria vem se expor na grande cidade, encontramos o exemplo típico de alegoria da reificação das pessoas. Leontina é uma mercadoria (ela se vende, no sentido próprio) e não há lugar para grandes sentimentos entre os miseráveis com os quais ela vive.

JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA:

Podemos concluir que, em Natal na barca, para além da história aparente, que recontamos, a história oculta está centrada no poder da crença, capaz de “ressuscitar” uma vida; e na descrença, que “vê” morte onde ainda há vida. Por meio dela, notamos, analogamente, como o discurso persuasivo é a “profissão de fé” da publicidade, e como, investindo num caminho dionisíaco, produz histórias para levar o público a acreditar em

seu mundo – sempre possível – de luz. Não que as sombras estejam ausentes da narrativa publicitária, mas o universo solar, evidentemente, é aquele que nela predomina.

Nous pouvons conclure que dans Noël en barque, au-delà de l'histoire apparente que nous avons racontée, l'histoire cachée est centrée sur le pouvoir d'une croyance capable de « ressusciter » une vie, ainsi que sur l'incrédulité qui « voit » la mort où il y a encore la vie. A la lumière de celle-ci, nous remarquons, de manière analogue, que le discours persuasif est la « profession de foi » de la publicité, et qu'en empruntant une voie dionysiaque, ce discours produit des histoires qui conduisent le public à croire en son monde – toujours possible - de lumière. Non pas que les ombres soient absentes du récit publicitaire, mais l'univers solaire y est bien évidemment prédominant.

KELIO JÚNIOR SANTANA BORGES & SUZANA YOLANDA LENHARDT MACHADO CÂNOVAS:

“Não quero nem devo lembrar aqui por que me encontrava naquela barca. Só sei que em redor tudo era silêncio e treva. E me sentia bem naquela solidão”: assim se inicia o conto “Natal na barca”, narrativa publicada pela primeira vez em 1958, na coletânea Histórias do desencontro, quarta coletânea de contos da escritora Lygia Fagundes Telles. Apesar de bastante curta, tal citação sintetiza de modo preciso a relação conflituosa que muitas personagens lygianas têm com a memória. Para elas, algumas lembranças constituem fonte de dor e de sofrimento, por isso o rememorar assume valor negativo fazendo com que, muitas vezes, o esquecer se imponha como necessidade urgente, condição para suportar e superar um existir promotor de angústia.

MABEL KNUST PEDRA:

Para os vagabundos de Beckett como para as meninas, é a espera que parece atribuir significado às suas vidas – esperam o senhor Godot, um amor, ascensão social, justiça e igualdade. É nesse sentido que a mesma espera inútil dos dois homens ecoa no romance: num pensionato de freiras de um grande centro urbano, as três moças vivem a expectativa de acontecimentos cruciais que podem alterar definitivamente o rumo de suas vidas. No tempo romanesco em que se desenrola a ação – o espaço de uma greve universitária –, tais expectativas se frustram porque as meninas, ainda que empenhadas em atividades cotidianas, permanecem inertes, incapazes de ultrapassar uma imobilidade que as reduz a meras espectadoras de suas vidas. Na busca de realização autêntica, uma recorrente indecisão (em especial para Lorena e Ana Clara), a que se junta uma total incapacidade de agir afirmativamente, as reduz à impotência e à solidão, já que os impulsos que as movem – seres em busca de si e do outro – redundam em frustração, exílio e morte.

RICARDO LÍSIAS:

Ainda que rapidamente, vale a pena parar mais um instante para pensar a questão da censura, já que ela sempre foi fundamental para Lygia Fagundes Telles. Uma pergunta sempre rondou seu livro mais importante: como a ditadura acabou não proibindo o romance As meninas, e nem sequer exigindo a supressão do trecho de denúncia mais forte? Outros artistas tiveram obras com denúncias muito mais sutis proibidas ou mutiladas.

A autora especulou algumas vezes sobre as razões disso. Segundo Alessandra Leila Borges Gomes e Paula Rúbia Oliveira do Vale Alves, baseando-se em uma entrevista da própria Lygia, “a censura aprovou o romance porque o censor achou o livro muito chato

e não leu além da página 40, por isso, não viu o trecho supracitado”. Com certeza, essa é uma das razões mais fortes. Preguiçosos e rastejantes no que dizia respeito aos livros, os órgãos de censura deram mais atenção aos títulos óbvios ou, no âmbito da literatura, a volumes finos. Acrescento, porém, uma outra possibilidade, que não invalida a primeira, mas se soma a ela para afastar ainda mais a atenção do censor: representantes de um poder muito conservador, sustentado pelos setores mais reacionários da sociedade brasileira, os censores com certeza devem ter achado que uma obra assinada por uma mulher não devia conter nenhuma ameaça mais forte.

*Além da notável coragem de fazer esse tipo de denúncia quando a repressão ainda estava muito pesada, aqui está outra sutileza formal de *As meninas*: a polifonia representada pelas várias vozes que aparecem no romance se expande também para a colocação histórica do próprio texto e, mais ainda, no lugar que ele ocupará como ato de resistência.*

TÉRCIA MONTENEGRO:

Mencionamos brevemente [...] a simbologia da água como representação de vitalidade e juventude em oposição à secura, associada à velhice e também ao rigor, à disciplina. Como são vários os textos de Lygia em que este dualismo se desenvolve, convém que nos dediquemos de maneira mais particular a ele, embora sempre dentro da perspectiva de nossa análise principal, relativa ao autocontrole das emoções. A hipótese que os contos lançam é a de que existe um processo no aprendizado da dor, de sua contenção – e as personagens jovens, justamente pela pouca experiência, ainda não conseguem apresentar tanta disciplina emocional quanto as velhas. Esta rigidez, entretanto, não é motivo de virtude, para Lygia: o retrato que seus textos traçam é predominantemente negativo no perfil de tantos idosos (sobretudo mulheres velhas) que se deixaram reduzir a máquinas comportamentais, sufocando os próprios anseios e os dos outros.

VERA MARIA TIETZMANN SILVA:

Mas, afinal, qual o segredo das narrativas de Lygia? Por seu estilo despojado, pelo tom que às vezes beira a confidência, pelo sensível desvendamento da intimidade de suas personagens, pela universalidade dos temas que aborda, pelo uso do simbólico (jamais tornado hermético), Lygia Fagundes Telles exerce um forte apelo junto ao público. Seus textos têm a rara virtude de alcançar tanto o leitor comum, que vê neles espelhados um pouco de seus próprios anseios, como o exigente leitor erudito, que logo percebe, sob a aparente facilidade da linguagem, a cuidadosa arquitetura que sustenta as tramas. Esse apelo que sua ficção tem justifica a profusão de antologias de diversos tipos, tamanhos e formatos em que aparece, assim como explica a fidelidade de seu público leitor.